

TANATOLOGIA E A AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA EM NIETZSCHE E VIKTOR FRANKL¹

Ísis Lopes d'Oliveira Zisels*

RESUMO:

O presente artigo concebe a tanatologia a partir da afirmação da existência evidenciada no pensamento trágico de Friedrich Nietzsche e no existencialismo de Viktor Frankl. Destarte, defende a ressignificação da morte mediante a valorização da vida, elucidando, para tanto, a ideia nietzschiana de saúde superior e a proposta frankliana referente à busca por um sentido transcendente no próprio sofrimento. A pesquisa contribui para a compreensão dos processos relacionados à morte por meio das ferramentas da Logoterapia e da dinâmica da vontade de potência. Toma como principais referências as seguintes obras: **Em busca de sentido** e **A vontade de sentido**, de Viktor Frankl, e **O nascimento da tragédia no espírito da música, Humano, demasiado humano, Assim falou Zaratustra, Além do bem e do mal e Crepúsculo dos ídolos**, de Friedrich Nietzsche. Por conseguinte, promove um diálogo entre a perspectiva ética e antropológica de ambos os autores.

Palavras-chave: Logoterapia. Saúde superior. Tanatologia. Vontade de potência. Vontade de sentido.

1 NIETZSCHE: VONTADE DE POTÊNCIA E SAÚDE SUPERIOR

O alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche², além de filólogo e crítico cultural, é também conhecido como o “filósofo da suspeita”, pois desacredita das verdades consideradas inabaláveis pela tradição filosófica ocidental, entre as quais: a dicotomia essência/aparência presente, sobretudo, na metafísica platônica; os ideais ascéticos do cristianismo e a fé aclamada por boa parte dos modernos na suposta onipotência da razão. Com efeito, desconstrói, através de seu “martelo epistemológico”, o arcabouço teórico dos ídolos³ que encarnam a decadência cultural de uma época, posicionando-se como uma figura antípoda, isto é: alguém que se opõe a determinados tipos intelectuais, ressaltando-lhes características específicas de maneira caricaturada para destituí-los de seriedade. Ademais,

¹ Artigo recebido em 10/08/2016 e aprovado, após correções, em 1/11/2016.

* Graduada em Filosofia (UFJF), especialista em Filosofia (UFOP), Mestre em Estética e Filosofia da Arte (UFOP), graduanda em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. @:Zisels@hotmail.com

² Röcken, 15 de outubro de 1844 – Weimar, 25 de agosto de 1900.

³ Sócrates, cujo pensamento dialético procurava apreender e corrigir o Ser, aparece como o alvo mais bombardeado pela crítica nietzschiana: “O moralismo dos filósofos gregos desde Platão está condicionado patologicamente; do mesmo modo que sua avaliação da dialética. A equação Razão = Virtude = Felicidade diz meramente o seguinte: é preciso imitar Sócrates e estabelecer permanentemente uma luz diurna contra os apetites obscuros – a luz diurna da razão. É preciso ser prudente, claro, luminoso a qualquer preço: toda e qualquer concessão aos instintos, ao inconsciente conduz para baixo [...]” (NIETZSCHE, 2008, p.21)

Nietzsche autodenomina-se um discípulo de Dionísio⁴ e elucida que sua tarefa é uma “anti-filosofia”, porque, sendo dionisíaca, por excelência, procura dignificar os instintos e as motivações mais inconscientes do ser humano. Destarte, o racionalismo é fortemente rechaçado pelo pensador, embora o mesmo não se faça um inimigo da razão, mas um amigo da vida, repleta de mistério, devir e multiplicidade, que o raciocínio lógico, por si só, não justifica (NIETZSCHE, 2008).

Segundo Nietzsche, o racionalismo moral é a moral dos fracos, elaborada para reprimir o impulso dos fortes. O autor detecta fraqueza naqueles que não suportam vivenciar as próprias paixões; nos que suprimem as experiências e abstêm-se do mundo ante o medo do sofrimento. Em contrapartida, detecta força nos indivíduos de espírito livre, capazes de transgredir normas ultrapassadas, tornando-se artistas de si mesmos. Os fortes corajosamente enfrentam suas sombras: crescem com os desafios e afirmam suas paixões, reconhecendo-as como emanções da natureza (NIETZSCHE, 2001). Com efeito, o filósofo alemão enfatiza como meta constante a autossuperação, enaltecendo todo o ensinamento decorrente do desejo:

Aniquilar os sofrimentos e os desejos, apenas para evitar sua estupidez e as consequências desagradáveis de sua estupidez, se nos apresenta hoje como sendo mesmo apenas uma forma aguda desta última. Não passamos a admirar mais os dentistas que arrancam os nossos dentes, para que eles não doam mais [...] (NIETZSCHE, 2008, p.12)

Nesse sentido, o moralismo dos pensadores ascetas promove o adoecimento da vontade de viver e a negação da existência, vislumbrando a domesticação do homem e o amansamento de seus instintos. Em vista disso, em **O Nascimento da Tragédia**, Nietzsche retoma Aristófanes e refere-se a Sócrates como uma “aberração”, alguém cuja consciência crítica opera como instinto, subvertendo os impulsos criativos da natureza. Por conseguinte, abre as portas para a elaboração de uma moral fisiológica, fundamentada na superioridade da vida, iluminada em seu aspecto mais trágico (NIETZSCHE, 1992).

Nietzsche compreende e valoriza a vida a partir da metáfora vontade de potência⁵, que abarca a luta, o devir, a variedade e a busca por expansão inerente

⁴ Divindade grega associada ao êxtase da embriaguez, ao prazer da inconsciência, à desmesura dos instintos e à celebração da existência.

⁵ “[...] o instinto mais geral e mais profundo em toda ação, em toda vontade permaneceu o mais desconhecido e o mais oculto, porque na prática nós obedecemos sempre à sua ordem. Todas as escalas de valores nada mais são do que consequências diretas a serviço dessa única vontade: a própria escala de valores não é mais que essa vontade de poder.” (NIETZSCHE, 2002, p.44).

ao universo. Vontade, nesse caso, em nada se assemelha à consciência moral. Alude, inversamente, ao desejo múltiplo, caótico e inconsciente que movimenta o mundo. É o ímpeto criador e dionisíaco presente na *physis* e no homem, este ser inacabado. É a força motora que viabiliza, em cada um, a afirmação da individualidade e a construção da história. A potência, a saber, é a possibilidade de crescimento ou a acumulação de um quantum de força que se dá pela atividade incessante do querer. Todavia, nem sempre a vontade fortalece. Quando isenta de foco, a mesma se dispersa e se fragiliza; quando adoecida, é conduzida à tentativa passiva-niilista de supressão pela razão, tornando-se vontade de nenhuma vontade ou negação do viver (NIETZSCHE, 2005). Desta forma, Nietzsche sugere uma nova medicina, em que a doença é considerada como tal somente ao acarretar passividade da vontade, sinalizando fadiga dos impulsos vitais, submissão, dispersão e medo. Em contrapartida, a saúde encontra-se naqueles que, independentemente das mazelas físicas, mantêm o espírito robustecido, descobrindo, em meio ao sofrimento, um sentido para a existência.

Existe uma certa maneira de enfrentar o mal físico, fazendo o doente tomar consciência de que ele é 'fundamentalmente sadio [*im Grundegesund*]', e capacitando-o, quando convalescer, a considerar a vida com 'novos olhos'. Em nome dessa 'saúde superior', que resistiu à angústia e ao sofrimento, lança-se um novo olhar sobre as avaliações anteriormente feitas. (LEBRUN, 1988, p.123).

Nietzsche, ao adotar como parâmetro para o bem-estar a força referente à dinâmica criativa da vontade⁶, inaugura o conceito de grande saúde ou saúde superior. A força em questão é o que produz resiliência⁷, capacitando o indivíduo a suportar as dores, incluindo as doenças físicas. Ela abrange o entusiasmo para/com a vida e a disposição afirmativa diante do elemento da fatalidade. A força opõe-se à desistência, ao pessimismo e ao ressentimento, revelando uma nova dimensão do homem, artesão de si. Existe possivelmente no mais profundo sofrimento, quando a alma é cindida para que nesta caiba mais mundo: "[...] da escola de guerra da vida: o que não me mata, torna-me mais forte." (NIETZSCHE, 2008, p.46).

⁶ "A doutrina da vontade criadora privilegia a atividade. É uma nova maneira de pensar que se aplica ao devir, opõe-se à metafísica, que busca o estável e a permanência. O perene não é o sujeito criador, nem o objeto criado, mas uma ação, uma ação contínua, um fluxo de vida constante." (DIAS, 2011, p.65).

⁷ "A resiliência e a autoeficácia percebida atuam como forma do sujeito obter uma melhor qualidade de vida na superação da adversidade, envolvendo o contexto, a cultura e a responsabilidade coletiva, sendo capaz de responder de diferentes formas ante um fracasso." (BARREIRA; NAKAMURA, 2006, p. 78).

O pensamento nietzschiano enfatiza as polaridades que permeiam a existência e acolhe a realidade tal como ela se apresenta em sua totalidade: repleta de contradição e mudança; prazer e dor; alegria e tristeza. É saudável, pois, desejar a vida, tomando-a para si, reconhecendo-a em sua exuberância trágica:

Dissestes sim, algum dia, a um prazer? Ó meus amigos, então o dissestes, também, a todo sofrimento. Todas as coisas acham-se encadeadas, entrelaçadas, enlaçadas pelo amor. — E se quisestes algum dia duas vezes o que houve uma vez, se dissestes algum dia: “Gosto de ti, felicidade! Volve depressa, momento!”, então quisestes tudo — tudo de novo, tudo eternamente, tudo encadeado, entrelaçado, enlaçado pelo amor, então, amastes o mundo. — Ó vós, seres eternos, o amais eternamente e para todo o sempre; e também vós dizeis ao sofrimento: “passa momento, mas volta!” Pois todo prazer quer eternidade! (NIETZSCHE, 2003, p.36)

2 VIKTOR FRANKL: A AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA E A BUSCA DE SENTIDO

O aforismo a seguir, da escritora brasileira Clarice Lispector (1920-1977), reconhecida no meio literário como uma das mais importantes escritoras do século XX, traduz a angústia do Ser lançado ao mundo, atravessado em sua jornada pela dor inerente à vida e por todos os outros sofrimentos que assolam o homem, projetados por ele e sobre ele no universo contemporâneo: “Eu antes vivia de um mundo humanizado, mas o puramente vivo derrubou a moralidade que eu tinha. É que um mundo todo vivo tem a força de um Inferno!” (LISPECTOR, 1998).

A problemática ilustrada captura o interesse do psiquiatra austríaco Viktor Frankl⁸, fundador da escola da Logoterapia⁹, que incorpora a filosofia existencialista à prática terapêutica. Assim como Nietzsche, Frankl rompe com os paradigmas de sua época. Em seu pensamento, o homem deixa de ser concebido apenas como produto do ambiente ou do inconsciente e torna-se livre para autoconstruir-se, apesar das influências externas. Nesse sentido, é facultada ao indivíduo a

⁸ Viktor Emil Frankl nasceu em 26 de março de 1905 em Viena. O neurologista, psiquiatra, filósofo e judeu é conhecido por fundar a terceira escola vienense de psicoterapia: a Logoterapia, que considera o ser humano na totalidade tridimensional de corpo, psiquismo e espírito. Em 1942, Frankl foi preso com sua família e mandado para o gueto de Theresienstadt (República Tcheca). Após 25 meses, foi transferido para o campo de extermínio de Auschwitz (Polônia), sendo, ainda, prisioneiro em Kaufering e Turheim. Em condições desumanas, Frankl comprovou sua teoria: subtraído de tudo, ao perceber os horrores que precisaria enfrentar, decidiu que, apesar das circunstâncias, o novo sentido de sua vida seria sobreviver. Doravante, ao ser libertado, descobre que a esposa, a mãe, o pai e o irmão morreram, porém sua irmã Estela sobreviveu, fugindo para a Austrália. Em julho de 1947, Frankl casa-se com a enfermeira não judia Eleonore Katharina Schwindt (Elly), com quem tem uma filha, e vive feliz por 50 anos, até sua morte por falência cardíaca, em 2 de setembro de 1997, em Viena (FRANKL, 1997).

⁹ “Para a Logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora do ser humano [...]. A Logoterapia é considerada e desenhada como terapia concentrada no sentido. Vê o homem como um Ser orientado para o sentido.” (FRANKL, 1997, p.92).

responsabilidade da escolha, inclusive, da forma como este vivenciará seu sofrimento.

O ser humano surge, na antropologia frankliana, como um conquistador de si mesmo e de suas riquezas interiores. De um jeito semelhante, a presente busca é ressaltada no pensamento nietzschiano, em que a noção de vontade de potência conduz à ampliação das vivências. Ambos os autores vislumbram a autossuperação, o devir e a afirmação da existência. Frankl, todavia, compreende o homem como uma unidade tridimensional (corpo, mente e espírito), enquanto Nietzsche destitui o Ser do aspecto essencial, chamando por espírito os instintos, as ideias e as paixões, evidentemente particulares. Posto isto, a humanidade à qual se refere o filósofo alemão é fundamentalmente instintiva e provida de um caráter plástico, experimental e exclusivamente imanente.

Frankl, em sua perspectiva logoterapêutica, destaca a dimensão espiritual (noética) do Ser ao lado da intencionalidade que lhe é atribuída. A vivência do espírito é postulada como a mais importante de todas, refletindo a dignidade adquirida a partir da vontade de sentido (necessidade humana de encontrar um propósito maior para a existência, capaz de preencher o vazio significativo do *Dasein*¹⁰). Nesse âmbito, cabe ao homem a realização de valores mais elevados em face de qualquer circunstância (FRANKL, 2011).

A intencionalidade da consciência, propriamente humana, é compreendida, a saber, em sua aplicação na esfera afetiva, já que se faz presente em forma de amor mais do que de conhecimento. Por outro lado, Frankl, inspirado em Hartmann, aborda a liberdade a partir da responsabilidade discernida, razão pela qual a intencionalidade é justamente o modo como a dimensão noética de cada um expressa-se frente aos outros e ao mundo. O espírito, nessa lógica, sempre necessita apontar para além de si, uma vez que representa não a imaterialidade da alma, mas a liberdade da consciência moral intencionada para ações que beneficiam o outro e não apenas o próprio indivíduo. É no caminho alegado, precisamente, que o sujeito consegue encontrar aquilo que é verdadeiramente valioso para sua vida.

¹⁰ O filósofo alemão Martin Heidegger (Messkirch, 26 de setembro de 1889 — Friburgo em Brisgóvia, 26 de maio de 1976) utiliza este termo, traduzido como "Ser-aí", para exaltar o Ser lançado e misturado ao mundo; isto é, o homem repleto de angústia mediante as possibilidades de escolha e a responsabilidade pela própria existência. O *Dasein* está em construção permanente, atravessado pelo devir e por todas as coisas a ele conectadas. Deste modo, o homem é um projeto em aberto que só se finaliza com a morte.

Segundo a Logoterapia, a autotranscendência do existir humano consiste no fato essencial de o homem sempre “apontar” para além de si próprio, na direção de alguma causa a que serve [...]. E é somente na medida em que o ser humano se autotranscende que lhe é possível REALIZAR-SE – tornar REAL – a si mesmo. (SBRAGIA, 2003, p. 93).

O tema da intencionalidade é a chave para o entendimento da antropologia frankliana, pois, ao mesmo tempo, contempla o sujeito e os seus objetivos; é a direção que volta o indivíduo para dentro, para si, mas que também o conduz para fora, para um sentido e realização que o transcendem. Essa orientação impulsiona cada pessoa rumo à construção de um projeto, que implica ter uma meta a alcançar, um objetivo a cumprir. Ao longo do processo, o próprio caminhar, com suas experiências e vivências, revela-se a maior fortuna do homem, a verdadeira e única satisfação que jamais se perde, mesmo quando não se alcança o êxito naquilo que, a princípio, almejava-se. Deste modo, é na intenção da consciência e no esforço disponibilizado ao longo da jornada que o homem pode tornar-se a melhor versão de si mesmo.

De acordo com a Logoterapia, podemos descobrir este sentido na vida de três diferentes formas: 1. Criando um trabalho ou praticando um ato; 2. Experimentando algo ou encontrando alguém; 3. Pela atividade que tomamos em relação ao sofrimento inevitável. (FRANKL, 1997, p. 100).

Viktor Frankl, em sua sabedoria, percebe que quanto mais se busca a felicidade, mais dela se afasta. Entretanto, quando o homem deixa de persegui-la, saindo de si ao encontro com o outro, consegue experimentar as possibilidades existentes para o desenvolvimento de suas potencialidades. De maneira equivalente, a filosofia trágica de Nietzsche vislumbra o alastramento das experiências e o cuidado com a autoconstrução. Reconhece, ademais, que cabe ao sujeito, emaranhado ao mundo, ressignificar a existência. Todavia, o filósofo da suspeita afirma a vida mediante a vontade de potência, não compartilhando do mesmo ideal ético de Frankl, uma vez que problematiza a consciência moral e desconstrói o valor do altruísmo, postulando que toda ação é egoísta e volta-se ao desejo do próprio indivíduo, mesmo quando a satisfação do outro é tomada por objeto. Nesse viés, adota como parâmetro de seus escritos a elaboração de uma moral fisiológica, independente, lançada para os instintos e paixões, para o corpo e sensações (que, aos olhos de Frankl, compõem o âmbito menos significativo do ser humano, porque imediato e efêmero).

Considerando as perspectivas apresentadas, outro tema necessita ser elucidado por suas diferentes abordagens: a questão responsabilidade. Quando Nietzsche atenta-se à importância desta no processo de autoconstrução, compreende-a como o ato de cuidar de si mesmo, de assumir suas paixões sem arrependimentos ou ressentimentos, desejando, com o peso da eternidade, não apenas o prazer, mas também a dor que possibilita o robustecimento do espírito. Frankl, por sua vez, estende a responsabilidade à consciência moral e à liberdade concedida ao homem de eleger valores capazes de orientá-lo em sua busca por sentido.

3 TANATOLOGIA E A AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA EM NIETZSCHE E VIKTOR FRANKL

Segundo Viktor Frankl, o que é mais fundamental ao ser humano ao longo da existência é desenvolver-se como tal mediante a construção de si mesmo, norteado pelos valores aprendidos com as experiências. Os valores relacionam-se àquilo que a vida traz e que o sujeito abraça por sentir-se responsável, incumbido de um dever ou missão diante de momentos decisivos. Nessa ótica, a humanidade é alcançada através da dimensão noética e da transcendência; somente assim é possível descobrir a “razão” de viver. Enquanto o indivíduo se perde na contemplação de si mesmo, remoendo seus problemas e martirizando-se com sua dor, paralisando-se e mantendo o ciclo pernicioso de autoflagelação, nada advém de positivo. Destarte, a transcendência caracteriza o grande salto para as mudanças necessárias e possíveis. Apesar de qualquer circunstância árida, ao olhar mais além, o homem consegue identificar possibilidades e elegê-las, encontrando um propósito mediante o qual consegue reconfigurar sua existência, recriando-se e desenvolvendo-se em sua integralidade, promovendo a congruência do Ser e do Dever-Ser (FRANKL, 1992).

A perspectiva existencialista de Frankl contribui de maneira expressiva à tanatologia, ciência que investiga os processos relacionados à morte e que apresenta em comum com a Logoterapia a valorização do sentido e da capacidade humana de transcender e resignificar as situações pesadas.

A morte é uma etapa que faz parte da vida. Deste modo, o homem que desvela um sentido maior ao longo de sua existência também encontra sentido para sua morte, porque sabe que não passou pela vida em vão. O sujeito que viveu como

deveria, em sua singularidade, está mais apto a desapegar-se, enfrentando com tranquilidade o término de sua jornada. Ao lançar um olhar para o passado, sente que foi consciente, responsável e que soube aproveitar grande parte das oportunidades que lhes foram oferecidas.

Nos últimos dez anos, mais ou menos, tenho ficado cada vez mais consciente das mortes dos meus contemporâneos. Minha geração está de saída, e sinto cada morte como uma ruptura, como se dilacerasse um pedaço de mim mesmo. Não vai haver ninguém igual a nós quando partirmos, assim como não há ninguém igual a nenhuma outra pessoa. Quando as pessoas morrem, não podem ser substituídas. Elas deixam buracos que não podem ser preenchidos, porque é o destino – o destino genético e neural – de cada ser humano ser um indivíduo único, achar seu próprio caminho, viver sua própria vida, morrer sua própria morte. (SACKS, 2015).

Através da consciência responsável, das vivências significativas, dos vínculos emocionais e do legado que deixa ao mundo, o homem torna-se apto a harmonizar a dinâmica da vida com a sua finitude, aceitando seu destino.

A finitude, a temporalidade não é apenas, por conseguinte, uma nota essencial a vida humana, é, também, constitutiva de seu sentido. O sentido da existência humana funda-se no seu caráter irreversível. Daí que só se possa entender a responsabilidade que o homem tem pela vida quando compreendemos como responsabilidade por uma vida que só se vive uma vez. (FRANKL, 1992, p.109).

Para o filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche, o amor à vida, tal como ela se apresenta, concede significado à morte. Nesse ponto, concorda com Frankl, sobretudo porque, ao saber-se finito, o ser humano necessita assumir, diante da angústia, a responsabilidade em relação à própria existência. Nessa lógica, somente aquele que abraça, com resiliência, a tragicidade de seu destino ou de sua história (*amor fati*) fortalece-se com o sofrimento. Para tanto, cabe ao indivíduo afirmar sua vontade de potência que o torna senhor de si mesmo (NIETZSCHE, 1995). Junto à autossuperação, o homem que conquista o estado de alegria e satisfação em relação ao mundo, com suas dores e bálsamos, alcança o que Nietzsche chama de saúde superior, mesmo em situação de doença ou frente ao falecimento.

Segundo a tanatologia, ao enfrentar a morte, o sujeito experimenta diferentes estágios psicológicos. A negação diante da realidade que se contrapõe a idealidade de valores pessoais é a primeira etapa que ocorre quando o homem se depara com a certeza de sua finitude próxima. Esse é um mecanismo de defesa do Eu para tentar criar resistência à possibilidade que surge de vigorar o que lhe ameaça. Os desdobramentos que se seguem à negação refletem a constatação da dor relacionada à condição mórbida. Nessa ocasião, é comum o indivíduo expressar

raiva, ressentimento e indignação, uma vez que deseja agarrar-se à vida. Tais sentimentos direcionados aos demais e/ou refletidos contra si mesmo podem ser trabalhados por meio do suporte terapêutico oferecido pela Logoterapia e pela tanatologia. Isso porque tais aportes chamam o paciente para a assunção do sofrimento e revelam uma oportunidade do exercício da liberdade mediante a atribuição de um novo significado para o momento.

Se a negação suaviza os efeitos do primeiro choque, tentando se sobrepor a uma realidade muito dolorosa para o Eu suportar, a raiva é a manifestação de toda a dor que a possibilidade de aceitação dessa realidade provoca na pessoa enquanto realidade possível. Kübler-Ross afirma que é o momento em que o paciente percebe a rotina de todos ao seu redor, toda a vida e os projetos dos outros se realizando, dando-se conta de sua real situação de finitude e adoecimento, e, por meio de atos agressivos e grosseiros, ele expressa seu grito de vida, afirma que ainda está vivo e não quer ser esquecido. (NETO, 2012).

Após a fase elucidada, o paciente recobra a calma e inaugura uma tentativa de negociação ou barganha, frequentemente direcionada a Deus. Nessa circunstância, a vida é suplicada mediante pactos que, não raramente, vinculam-se à culpa e ao arrependimento. Ao conscientizar-se da adversidade, posteriormente, o sujeito percebe-se impotente e devastado pela perda das pessoas queridas e de tudo que construiu ao longo dos anos. É sumamente importante o acompanhamento psicológico durante essa etapa quando a depressão se inclui, pois o indivíduo necessita desenvolver resiliência para aceitar a tragicidade da morte, aprendendo a lidar com a situação da melhor maneira possível (NETO, 2012).

Aqueles que, natural e genuinamente, confiam na providência divina criam uma nova perspectiva sobre a proximidade da morte que, de certa maneira, oferece conforto e permite ressignificar o sofrimento, transcendendo ao sagrado. Entretanto, nem sempre dessa forma o homem encontra alento. A Logoterapia, cujas raízes penetram o solo do existencialismo, atua como ferramenta eficiente para que o sujeito desvele o sentido de cada experiência. Esse processo toma por objeto não apenas a crença religiosa, mas também os valores, os vínculos emocionais e as obras humanas. As pessoas a quem o paciente se liga afetivamente, sobretudo, são coautoras de sua vida e, assim como seu legado e sua historicidade, representam valores imanentes que podem oferecer-lhe uma perspectiva realizadora de sua finitude.

Contudo, é preciso considerar a singularidade do ser humano, ou seja, o fato de que cada um é irrepetível, paradoxal e aberto a infinitas possibilidades, tanto na

vida, como na morte. Nesse viés, nem sempre a questão da fé é exercida, na prática, em congruência à teoria. Alguém extremamente religioso, por exemplo, pode apresentar mais dificuldade ao enfrentar o momento derradeiro do que um ateu que articula, ao seu modo, representações deveras autênticas para o seu sofrimento. O que deve ser ressaltado em ambos os casos é que a roda da vida, enquanto gira, sempre oferece a possibilidade de crescimento conforme a expressão afirmativa da vontade (seja ela de potência ou de sentido).

Outro aspecto relevante da tanatologia refere-se aos principais cuidados paliativos oferecidos ao indivíduo em processo de desfalecimento, bem como aos seus familiares. É estimado o aprimoramento da qualidade de vida dos envolvidos e a promoção de medidas capazes de aliviar, de algum modo, os sintomas do enfermo e as repercussões psicológicas negativas que possam ocorrer ao mesmo, em caso de consciência. Outrossim, as questões emergentes sobre a doença devem ser elucidadas pelo profissional da saúde com clareza, honestidade e humanidade, já que “[...] a tentativa de esconder a verdade do paciente só pioraria a relação que este tem com os familiares e com a equipe de cuidadores, impossibilitando um ambiente de confiança onde possa se desenrolar qualquer tipo de terapêutica.” (NETO, 2012, p. 40).

É pertinente destacar que sempre há, dentro dos núcleos familiares, alguém mais apto a lidar pessoalmente com o momento de transição correspondente ao período que antecede à morte. Posto isto, é valioso oferecer companhia e solidariedade ao paciente, ouvindo-o com atenção e transmitindo-lhe segurança e afeto. Tocar fisicamente quem está partindo, principalmente quando seus demais sentidos já estão comprometidos, é assaz recomendado aos entes queridos, uma vez que propaga a sensação de conforto e acolhimento.

A tanatologia e a Logoterapia aguçam a percepção da singularidade do ser humano em seu sofrimento emocional, espiritual e físico. Apesar da existência de sintomas e observações comuns a muitos doentes terminais, cada um possui sua própria maneira de ser, de sentir, de viver e de morrer. Essa natureza única, alusiva ao indivíduo em sua órbita, necessita, acima de tudo, ser respeitada e considerada por todos aqueles que o cercam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Logoterapia e a tanatologia oferecem uma visão que prioriza o sentido de todas as situações; esta é uma ideia mais construtivista do que determinista, que se volta a tudo aquilo que nos cabe viver. Desse modo, se, por um lado, a finitude nos faz olhar a vida com maior profundidade, chamando-nos aos compromissos maiores de nossa existência, por outro, é a vida que oferece significado à morte, tal como o repouso merecido e natural de um guerreiro.

Mediante o aporte logoterapêutico, é possível refletir: o que é capaz de nos oferecer maior alento na hora da despedida do que a certeza de que nos entregamos a outros seres com amor, respeito, consideração e generosidade? Do que a constatação de que realizamos ou tentamos realizar, ao longo de nossa jornada, tudo da melhor maneira possível, dentro de nossa condição de imperfeição? O que é mais estimulante do que o amor e o aprendizado? Do que a oportunidade de mudarmos de posição para não cometermos os mesmos equívocos? Do que o ensejo de realizarmos as tarefas relativas às nossas potencialidades, sabendo que somos responsáveis apenas por nossas atitudes, intenções e pensamentos? Tais valores traduzidos em ação permitem que enxerguemos a morte como o fechamento inexorável de um ciclo, um processo de transformação coerente com a dinâmica da própria existência e sua impermanência.

Segundo Frankl, a dimensão valorativa da intencionalidade concede conforto, tranquilidade e gratidão aos que elegem morrer com a mesma dignidade com a qual viveram. Assim como Nietzsche, o autor alerta à necessidade de se dizer sim à vida, apesar de qualquer circunstância ou sofrimento. Porém, o faz não pelo viés da vontade de potência, mas da vontade de sentido. O Ser, consciente da morte, tece sua história sabendo que o tempo não é eterno, portanto é seu dever construir-se com toda a excelência praticável, adaptando-se aos desafios que surgem como oportunidades de crescimento.

THANATOLOGY AND THE AFFIRMATION OF EXISTENCE IN NIETZSCHE AND VIKTOR FRANKL

ABSTRACT:

This present paper analyzes thanatology second the affirmation of the existence in Friedrich Nietzsche's tragical thought and Viktor Frankl's theory. Thus, defends the

reinterpretation of death by valuing life, and elucidates Nietzschean idea of superior health next to the search for greater meaning in suffering, as Frankl proposed. The research helps to understand the processes related to death by logotherapy and the will of power. It takes as principal references the works: *Man's search for meaning* and *The will to meaning*, by Viktor Frankl, and *The birth of tragedy in the spirit of music*, *Human, all too human*, *Thus spake Zarathustra*, *Beyond good and evil* and *Twilight of the idols*, by Friedrich Nietzsche. Therefore it promotes a dialogue between the ethical and the anthropological perspective of both authors.

Keywords: Logotherapy. Superior health. Thanatology. Will to Power. Will to meaning.

REFERÊNCIAS

BARREIRA, D. D.; NAKAMURA, A. P. Resiliência e a auto-eficácia percebida: Articulação entre conceitos. *Aletheia*, 23, 75-80, 2006.

DIAS, R. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Coleção contemporânea: Filosofia, literatura e artes, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da Logoterapia**. Porto Alegre: Paulus, 2011.

_____. **Dar Sentido A Vida: A Logoterapia de Viktor Frankl**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

_____. **Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração**. São Leopoldo: ed. Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997.

LEBRUN, G. **O avesso da dialética: Hegel à luz de Nietzsche**. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

LISPECTOR, C. **A Paixão Segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NETO, V. B. L. Tanatologia e Logoterapia: um diálogo ontológico. **Revista Logos & Existência: revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial**, 1, 38-49, 2012.

NIETZSCHE, F. **A Gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos. Ou como se filosofa com o martelo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Ecce Homo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Fragmentos póstumos**. Trad. Oswaldo Giacóia Júnior. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, 2002.

_____. **Humano, demasiado humano**. Trad. Paulo César de Souza. Um livro para espíritos livres II. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **O Nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Trad. notas e posfácio J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SACKS, O. Minha própria vida. Trad. Karin Hueck. **New York Times**, 19 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://www.gluckproject.com.br/oliver-sacks-minha-propria-vida/>>. Data de acesso: 01 de novembro de 2016.

SBRAGIA, A. L. P. F. **A contribuição de Viktor E. Frankl para a psicopedagogia: A busca do sentido da vida no sujeito aprendente (monografia)**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.